

Disco MUNDIAL

1 Esc.



DON FLOWERS

-Oh!..Uma caixa
de bombons todo
os dias?!...O senhor
ou não tem dinheiro
ou falta de imagi-
nação...

RISO MUNDIAL

N.º 35 * 25 DE MARÇO DE 1948

Director (interino) e proprietário: Jerónimo Pinteus de Sousa
Editor (interino): José Roussado Pinto
Redactor Principal: Fernando dos Santos (Santos Fernando)
Redacção e Administração: Rua de Sant'Ana á Lapa, 15
Composição e Impressão: Edições «O Mosquito», Lda.
Distribuidor geral: Editorial Organizações, Lda., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Telefone 27507 — LISBOA

AQUI... RISO

Mais uma vez — a juntar ás muitas que já saíram e ás muitas que hão-de sair — aqui temos o nosso «Riso» repleto de bonecos, de prosa e de verso. Original estrangeiro e português, desenhos portugueses e estrangeiros, o leitor tem por onde escolher. Isto é como um restaurante que tem muitos pratos á escolha do freguês...

Sirva-se, senhor leitor, porque, com dez tostões, tem tudo isto...

...e Saramago



ATENÇÃO

(1)

Acaba de chegar á nossa redacção (Rua de Santana á Lapa, n.º 15 — aceitam-se trabalhos tipográficos e donativos de cem escudos — Madame Silvine Rossio, que á saída do «cliper» se perdeu de seu marido, Monsieur Jean Jacques Rossio.

A infeliz Madame, que de português não vê boia, recusa-se a tomar qualquer alimento enquanto o seu marido não aparecer.

Diz-nos, entre lágrimas, que foi a primeira vez, na sua vida, que se perdeu.

Como são curiosos os franceses!...

ATENÇÃO

(2)

Segundo informações recentes, Monsieur Jean Jacques Rossio, esposo de Madame Silvine Rossio — circulação — acaba de pôr um anúncio no jornal, procurando sua mulher. Afirma, também, que não tomará qualquer substância enquanto sua mulher não aparecer.

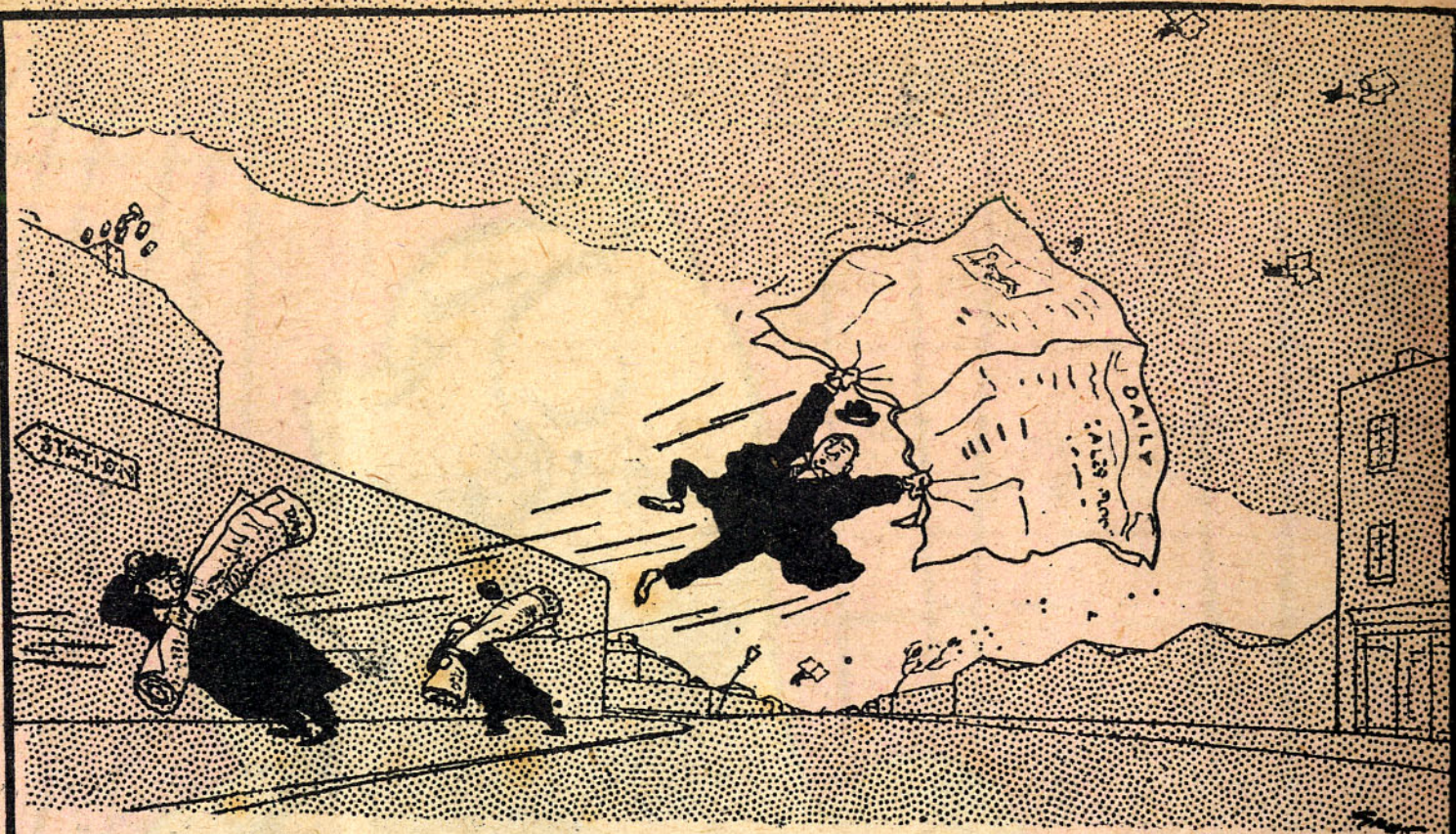
NOTA DA REDACÇÃO

Monsieur Jean Jacques Rossio e Madame Silvine Rossio, encontraram-se, finalmente. Já comem e bebem.

Como são curiosos, os franceses...

Preço de assinaturas:

3 MESES... 12,00



A desvantagem dos jornais grandes.



— Ainda bem que chegou, caro amigo. Temos aqui um novo sortido de chapéus!



— Desde que o João sai á noite, só tem apanhado maus vícios.

AMOR E PNEUMÁTICOS

POR
SANTOS FERNANDO

Se há nada mais agradável para os celibatários do que o casamento — a união de duas pessoas de sexo diferente, á face da lei, pela qual o marido se obriga a entregar a fêria em casa e a mulher a gastá-la.

O maior prazer dos casados seria, paradoxalmente, poder tornar á sua vida de solteiros.

★

Aos quinze anos, quase todos os meninos, os anafados e os pálidos, fazem versos de amor e contrapiscam olhares com a filha do vizinho. A seguir, vem a idade em que, á mistura com os apontamentos de matemática há o retrato da Betty Gable e, no caderno de Física, entre os desenhos do princípio dos vasos comunicantes e da força da gravidade, aparece um coração atravessado por uma seta e um nome de mulher.

E' a idades dos vales ao papá, para os compêndios de latim e as tábuas de logaritmos. Nunca os papás acham os filhos tão estudiosos como nessa altura...

O princípio edonístico da Economia Política e a gradação alcoólica do vinho unem-se á poesia bucólica e amorosa.

E' a idade em que todos somos poetas! Aquele polícia que ali vai também já foi poeta. E aquele homenzinho atarracado, que hoje é vendedor de imagens, também já fez sonetos.

Aos 20 anos os meninos já são homens. Fazem projectos... com orçamentos do pai; indagam do custo do lavatório e da mesa de cabeceira.

E' a ocasião, chamada, das apresentações diplomáticas, em que ela o apresenta ao seu papá. Este, imediatamente, trata de requerer a um inquérito, que consta: da profissão do pai do noivo; do rendimento deste; da idade e de que doença morreu o bisavô e a que género de familia pertence.

E' esta a idade do gargarejo para o 7.º andar sem elevador nem escada de serviço.

A's seis da tarde, ao frio e á chuva, já ele ali está, a gritar, a gesticular lá para cima.

Lá dentro, insensível á de-

pressão atmosférica, o papá faz cálculos, a mamã faz renda e a noiva, alheia á mímica do seu apaixonado, diz a tudo que sim.

Dez anos depois, os pais dela resolvem mudar de casa. E, em vez dum 7.º andar, passam para uma cave.

Ele, que já estava habituado ás grandes altitudes, uma noi-

te, despreocupado, inclina-se um pouco mais na janela e cai para dentro de casa.

E o casamento, inevitável, efectua-se passado pouco tempo.

★

Isto tem acontecido a muito boa gente e aconteceu a Demóstenes Salustiano, meu camarada na escola, desde o ano em que se mete o dedo no nariz até aquele em que se bate naquêles que o fazem.

★

Demóstenes Salustiano foi dos que se conservou solteiro até á idade do casamento.

Há dias, procurou-me para desabafar.

—Casei.

—Optimo — disse. — Virás para alguma subscrição?

—Não brinques, tu não sabes o que é uma pessoa casar e estar constantemente ligado aos pneumáticos!

«Endoideceu» — pensei.

—Não julgues que estou doido. Falo verdade. No meu casamento há duas coisas fundamentais: o amor e os pneumáticos!

Demóstenes Salustiano cravou os seus dois olhinhos na minha boca, que sorria. O seu bigode tremeu ao de leve. Atirou o chapéu para o cabide.



Mas no lugar do cabide estava a janela e o chapéu voou para a rua.

—Ris porque nunca te casaste com uma mulher como a minha. Uma mulher cem por cento moderna que, desde a máquina pneumática para fazer rodelinhos de batata até aos pneumáticos para o seu «cadillac», tem de possuir as coisas mais transcendentas. Agora, deu em passear, todos os dias, o sobrinho, um filho da irmã, um matulãozinho de 2 anos, que tem dois olhos enormes como pneus. E eu, Demóstenes Salustiano, enquanto minha mulher pára a ver as montras onde se exibem, descaradamente, horribéis casacos de peles que custam só cinquenta mil escudos, tenho de montar e desmontar, serrar e olear, os pneumáticos do carro onde o meu sobrinho se delicia com a minha anti-experiência de mecânico de automóveis.

Quando, ás vezes, me delicio com as ultimas notícias do jornal, chega a minha mulher:

—«Preciso de mais dois pneumáticos para o «Cadil-

lac». Hoje fiz 50 quilómetros».

Dia sim dia não, pneumáticos. E eu a arder. E eu com os meus em mísero estado... Repara nestes sapatos! Já lhe disse que ela tinha a doença da pneu-mania. Bateu-me com a porta na cara, foi fazer mais 50 quilómetros e dois dias depois paguei mais dois mil escudos para outros pneumáticos!

Esta manhã disse-lhe, cara a cara, porque se não tinha casado com o dono duma oficina de recauchutagem! Chamou-me bota de elástico... Foi fazer mais 50 quilómetros...

... ..

Alguns dias depois, o autor destas linhas e destes pontinhos tão simétricos, veio a saber que a mulher dele nunca mais tinha aparecido. Em contrapartida, apareceram mais duas contas para pagar.

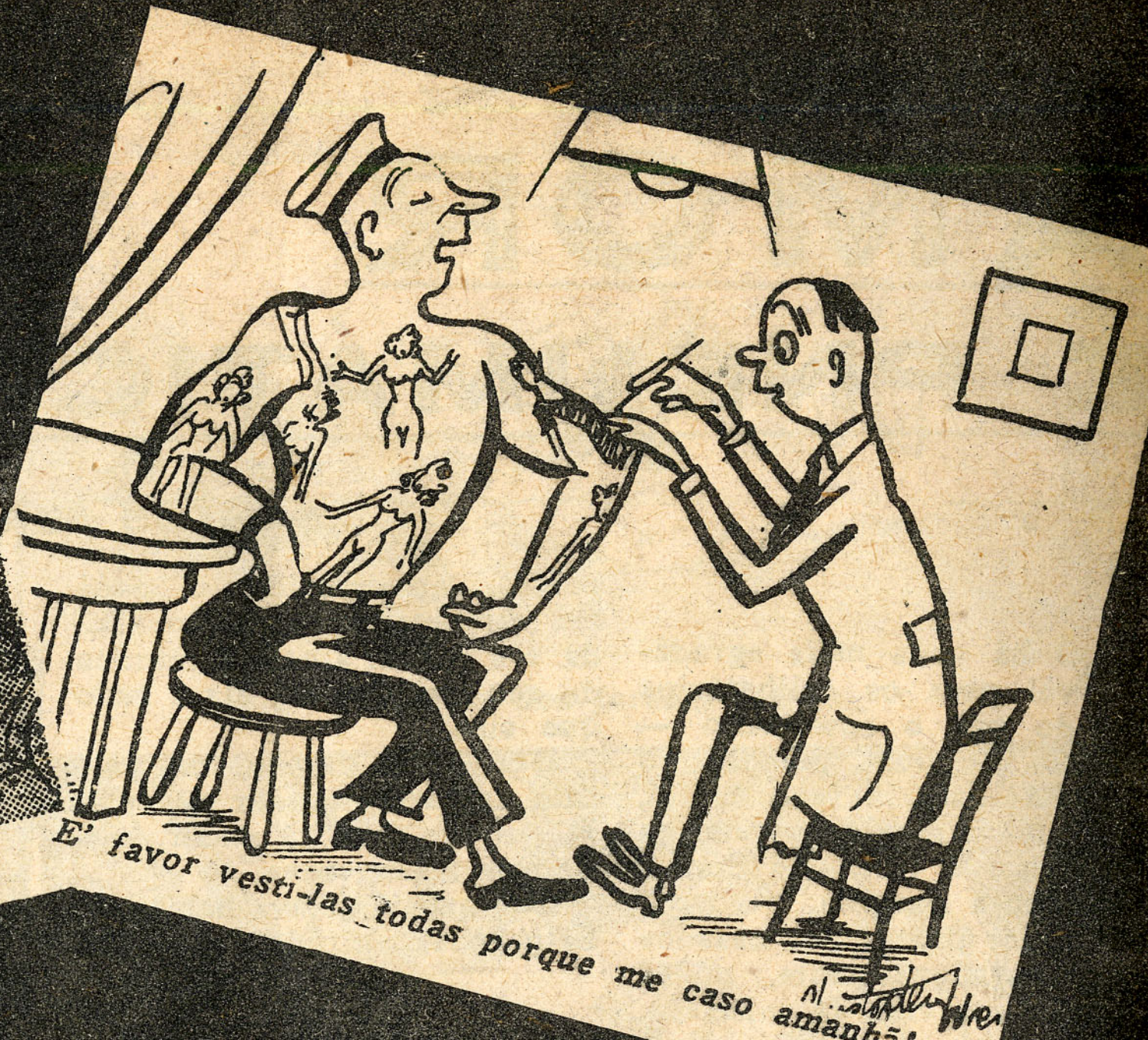
Demóstenes Salustiano morreu a semana passada com uma PNEUMONIA.

SANTOS FERNANDO

CINEMA REDE VCI



Dá-me licença, menina?!



E' favor vesti-las todas porque me caso amanhã!

Risadinhas...

NOIVADO

Uma senhora briga com o seu noivo, que é calvo, e devolve-lhe todos os presentes e cartas.

— Sinto apenas uma coisa — diz-lhe.

— O que é? — pergunta o careca.

— Não poder devolver-lhe o cabelo...

NA RUA

O policia de estradas: — Quando a vi fazendo a curva, pensei logo «40 pelo menos».

Chaufeuze: — O senhor enganou-se, redondamente. Este chapéu é que me faz mais velha.

HÁ MUITOS

Um inglês dirige-se a um americano, que está em Londres de passagem, e diz-lhe:

— Então, que tal acha aquele edificio?

— Iguais áqueles temos nós centenas em New York — disse o americano, sorrindo com desdém.

— Bem me parecia — disse o inglês. — E' um manicómio...

CRIANÇAS DE HOJE

No fotógrafo:

— Atenção! O passarinho vai sair.

— Faça favor de tomar cuidado com os efeitos da luz e deixe-se de brincadeiras.

NO BAILE

Ele — Mas que sujeito tão idiota. Dizer versos na época de hoje. E que versos horri-veis.

Ela — Pois é, o papá tem destas manias.



LINO TRACIO 46

Mundiais

NUM COMBOIO

Um viajante para o menino que o está incomodando:

— Se não ficar quieto, o comboio leva-o para o Inferno.

O menino: — Não faz mal, tenho bilhete de ida e volta.

GAROTO ESPERTO

— Mamã, acabo de encontrar uma moeda de cinco escudos.

— Não sabes ao menos de quem é?

— Sei, só pode ser do papá, encontra-a na carteira dele. VEJA SE SE DESPACHA...

Certo dia um saloio veio á capital para passear e fazer algumas compras. Tendo acabado cedo e faltando ainda duas horas para apanhar o comboio, resolveu ir ao cinema para passar o tempo.

Estava correndo um filme de amor. Quando está quase a terminar, há uma cena em que o actor faz uma declaração de amor á actriz e esta custa a ceder aos impulsos amorosos do pretendente. O saloio, que era muito nervoso e já está impaciente, levanta-se e grita em voz alta:

— O' senhora, veja se se despacha, que eu tenho de apanhar o comboio.

ECONOMIA

O patrão — Mas porque é que você tem a mania de colocar o chapéu inclinado sobre a orelha?

O empregado — E' a unica coisa que tenho conseguido «pôr de lado» nos vinte anos que trabalho em sua casa.

PINTURA MODERNA

Num metro, ou mais, de tela, vários traços,
Largos borrões, á brocha ou a pincel;
...Verdes, azuis, e de ocre uns bons pedaços,
Completam o «sentido» do pastel.

Um, diz que é uma paisagem; outro opina
Que a tela mostra uma figura alada;
E a um crítico parece uma menina...
Pensa o «artista»: «Tolos!... Não é nada...».

PINTURA DE SALÃO

Ou uma paisagem triste, com boizinhos...
Ou um por do Sol com várias nuvenzinhas
Ou uma pastora mais uns carneirinhos
Ou um carneiro com umas pastorinhas,

Todos muito bem feitos. Parecidinho.
Cópia servil — fotografia pura...
Pendura-se. Por baixo, o preçozinho...
De tudo, só o preço é que é: «pintura»...

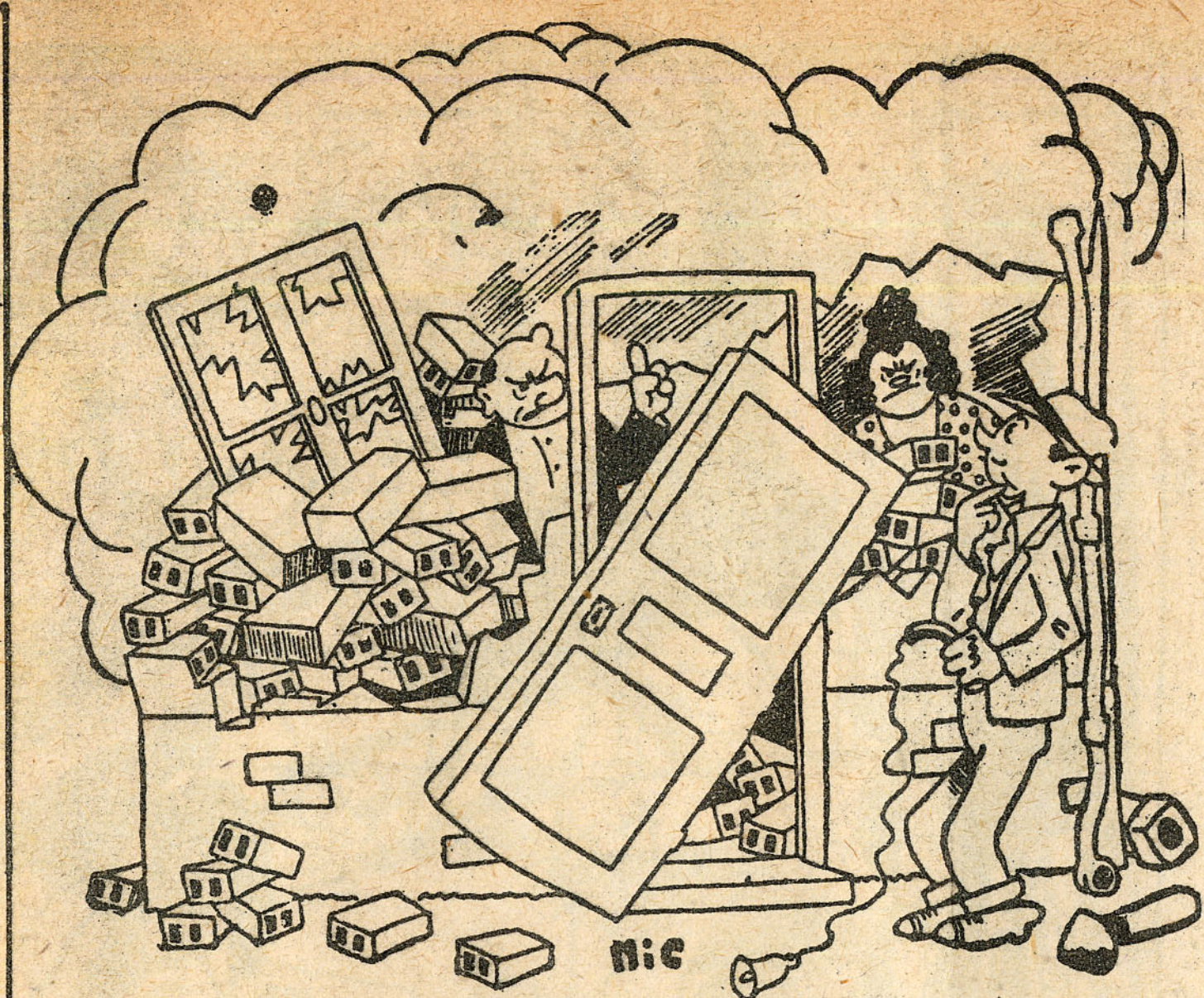
CINEMA NACIONAL

Um homem de dinheiro, mas sem génio;
Um outro, sem dez reis, mas de cabeça;
Juntam-se á esquina, e brota do convénio
Mais uma fita — ou coisa que o pareça.

Não é Cinema, nem Teatro é;
Não nos faz rir nem chorar faz: só massa;
Ninguém gostou; mas toda a gente a vê;
Cresce; aparece, dá o seu cobre — e passa...

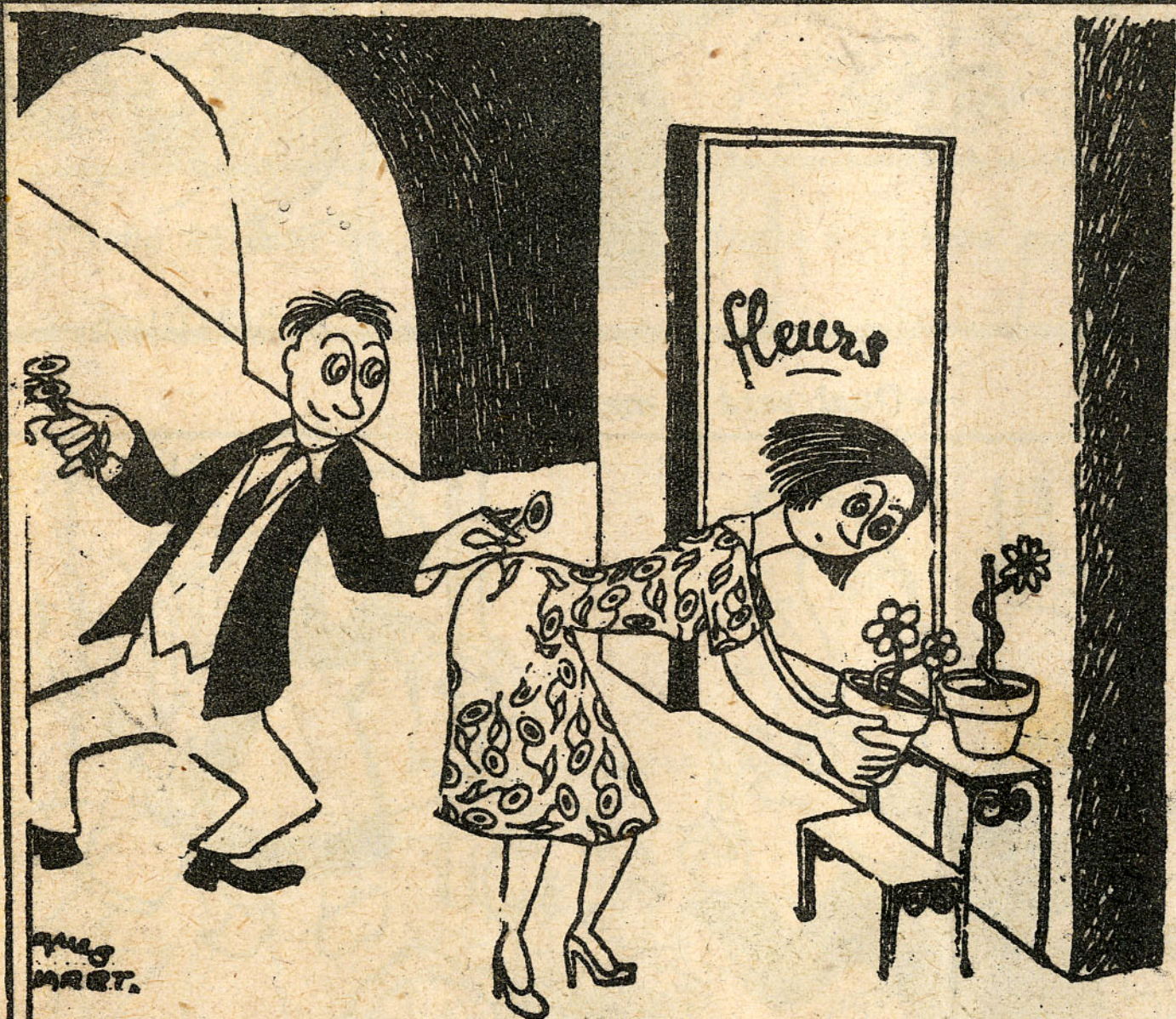
FREITAS

AQUI... RISO

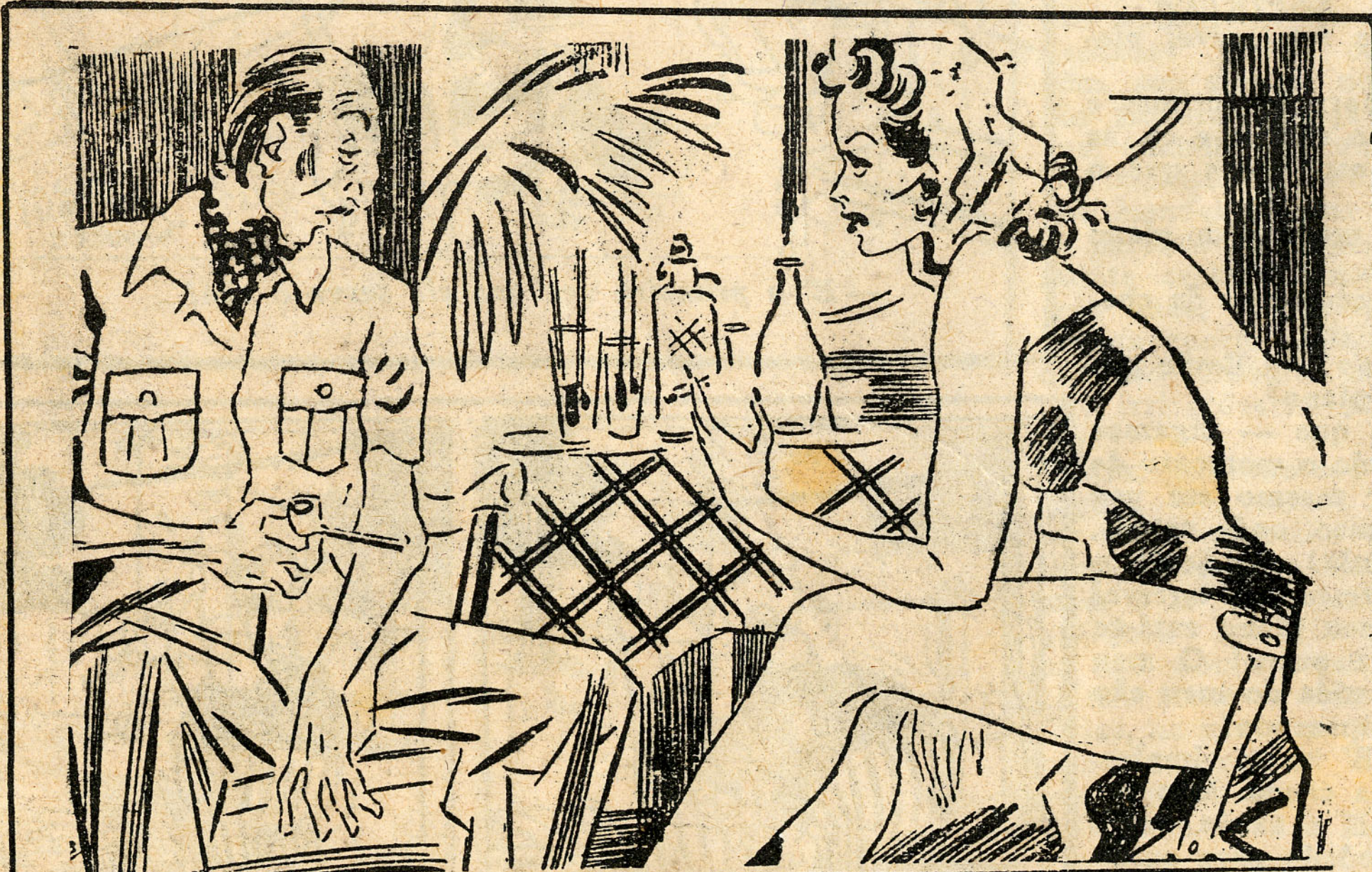


CONSTRUÇÃO MODERNA

— Não é sólida a minha casa?... Se você não tivesse tocado com tanta força na campainha!...



FLORISTA



COMO SEMPRE

— Ontem estive feito um imbecil! Que disse o teu pai?
— Nada, nada. Encontrou-te como de costume.



O director quer falar-lhe.
Diga que saí!

Música e Espiritismo

por CAMI

PRIMEIRO ACTO

O CAO DO MUSICO

(A cena representa o salão do célebre espirita).
A mulher do célebre espirita (ao seu marido) — O nosso vizinho, o implacável pianista, que de manhã á noite martela sem interrupção o seu infernal piano, solicita uma audiência.

O célebre espirita — Entre.
O implacável pianista (entrando) — Senhor, morreu Lázaro, o meu pobre cachorro Lázaro. Não me posso conformar com a sua morte e serei muito feliz se, por meio da mesa redonda, a alma do meu pobre cão puder comunicar-se comigo.

O célebre espirita — Nada mais fácil. O seu cão era obediente?

O implacável pianista — Muito. O desgraçado animal morreu vitimado, precisamente, pela sua exagerada obediência. Por divertimento eu ensinara-o a fingir-se morto. Um dia, depois do almoço, disse-lhe, como de costume: «Lázaro, finja-se morto». O bravo animal doméstico obedeceu sem hesitar. Estendeu-se sobre o tapete, conteve a respiração, fechou os olhos e não se moveu mais. Desgraçadamente, logo naquele instante a criada lembrou-me um despacho que me chamava com urgência á provincia. Saí correndo. Quando voltei, depois de quinze dias, o pobre Lázaro estava ainda na mesma posição. Na precipitação da partida eu esquecera de gritar-lhe, como sempre: «Lázaro, levante-se». O obediente animal, não ouvindo a ordem de levantar-se, tinha continuado a fingir-se morto, até o momento em que se tornou realmente morto. O seu pequeno cadáver parecia dizer-me: «Viu, patrão, como sou obediente? Não me mexi. Fiz-me defunto definitivamente». Pobre Lázaro! Gostava tanto de musica. Ficava a ouvir-me horas seguidas, quando eu tocava piano. (Soluça).

O célebre espirita (consigo mesmo) — Que ideia! Acho que encontrei o meio de vingar-me deste implacável pianista que me martiriza com esse seu maldito piano. (Em voz alta); Se quiser, hoje á noite invocaremos o espirito do seu finado cão. Mas para o bom êxito da invocação é preciso que a sessão espirita se realize no seu apartamento.

O implacável pianista — Como quiser. Esperá-lo-ei á noite. (Sai).

SEGUNDO ACTO A SESSAO ESPIRITA

(A cena representa o apartamento do implacável pianista).

O célebre espirita — Meia-noite! A hora dos crimes e do espiritismo. Ponhamos, minha mulher, o senhor e eu, as nossas mãos sobre o piano de cauda e esperemos que o espirito do cão se manifeste.

O implacável pianista — Parece que a madeira do piano se está animando debaixo dos meus dedos.

O célebre espirita — São os sinais precursores da chegada do espirito.

O implacável pianista (muito comovido) — Estão ouvindo estes pequenos rumores dentro do piano?

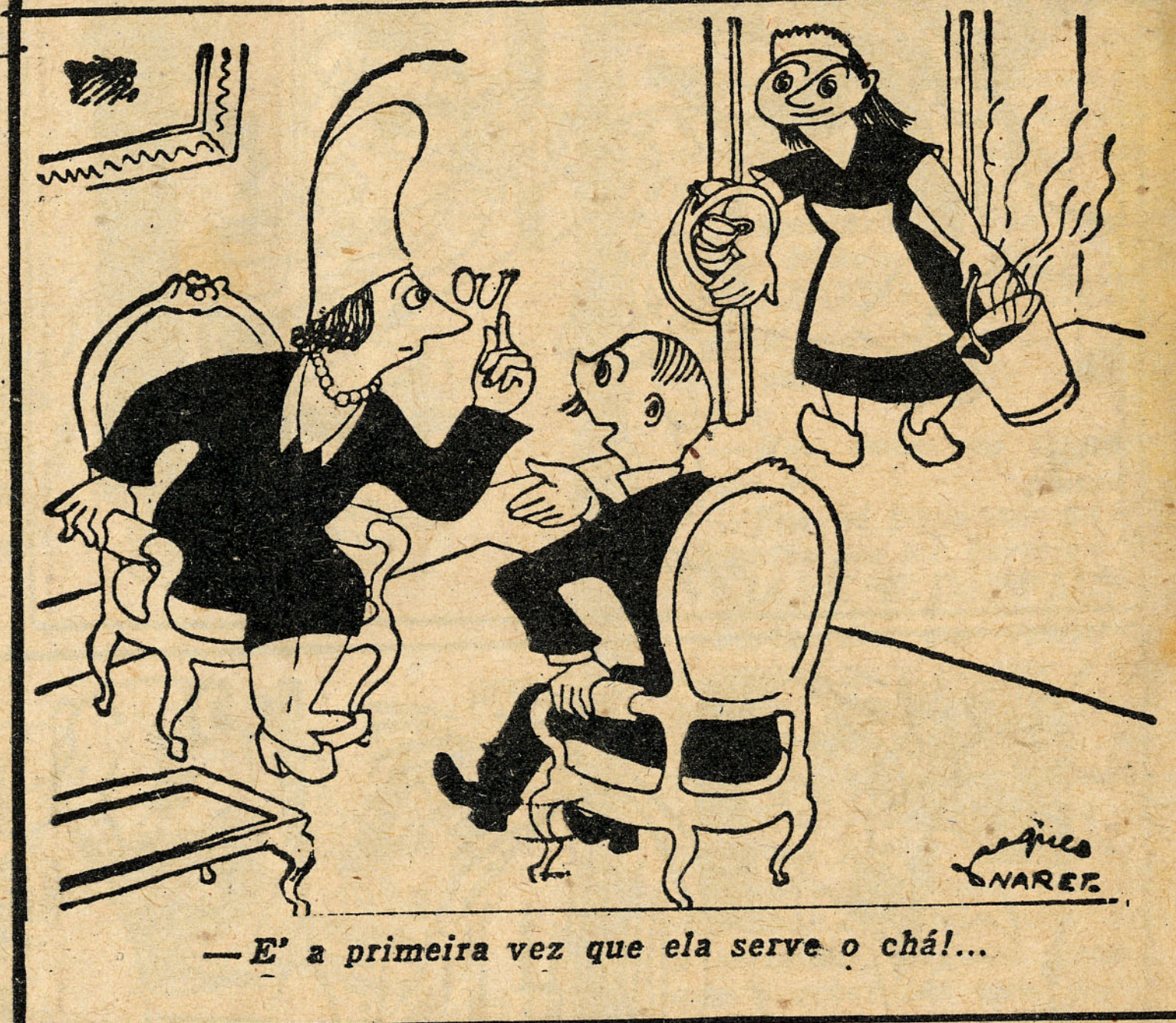
O célebre espirita — E' o espirito que — digamos assim — se incarna no piano. Mas é chegado o momento de interrogar o espirito. Pergunte o senhor mesmo em voz alta: «Espírito do meu bom cachorro Lázaro, onde está?».

O implacável pianista (com voz trémula) — «Espírito do meu bom cachorro, onde está?». (Ouve-se um terrível estrondo). Que aconteceu? A cauda do meu piano está-se agitando freneticamente de um lado para outro! O meu piano está-se a partir em dois! Ceus! A cauda do meu cão manifesta-se de modo horrível! Não compreendo!

O célebre espirita (irónicamente) — E' muito simples. Ouvindo a sua voz, o seu cão quis agitar a cauda. Mas estando, por assim dizer, incarnado no piano, a cauda deste animou-se do seu fluido e agitou-se de um lado para outro em sinal de alegria. (Em voz baixa, á mulher). Compreendes agora? O piano dele está arreventado. Estamos sossegados por algum tempo.



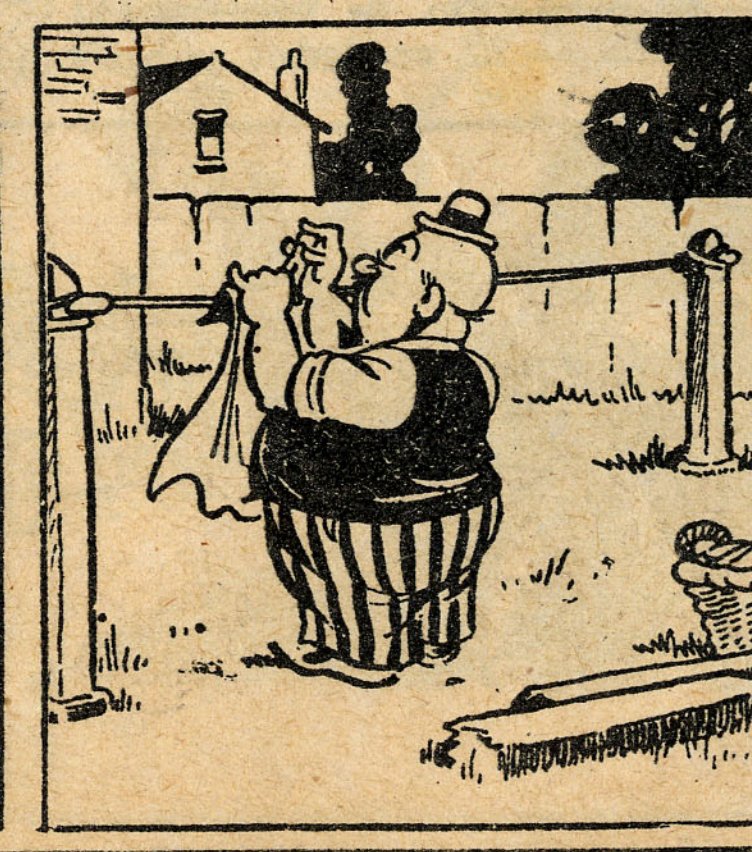
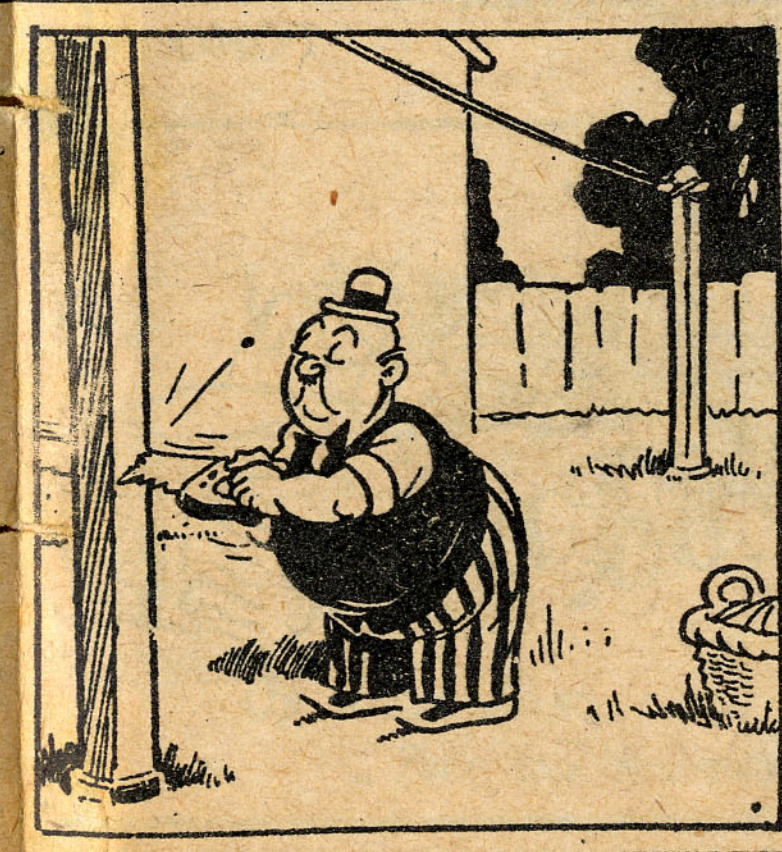
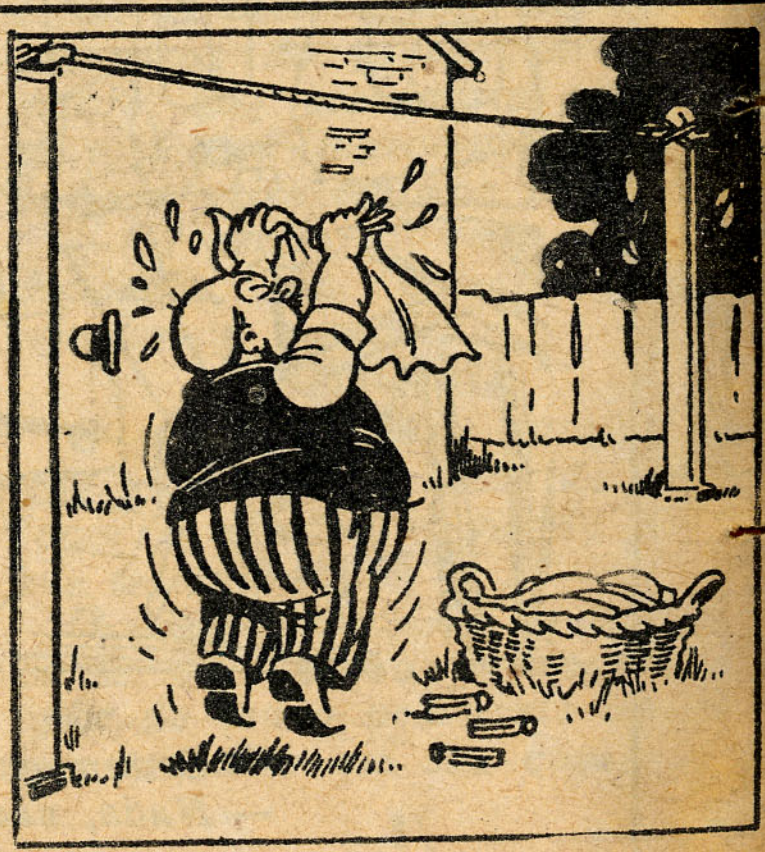
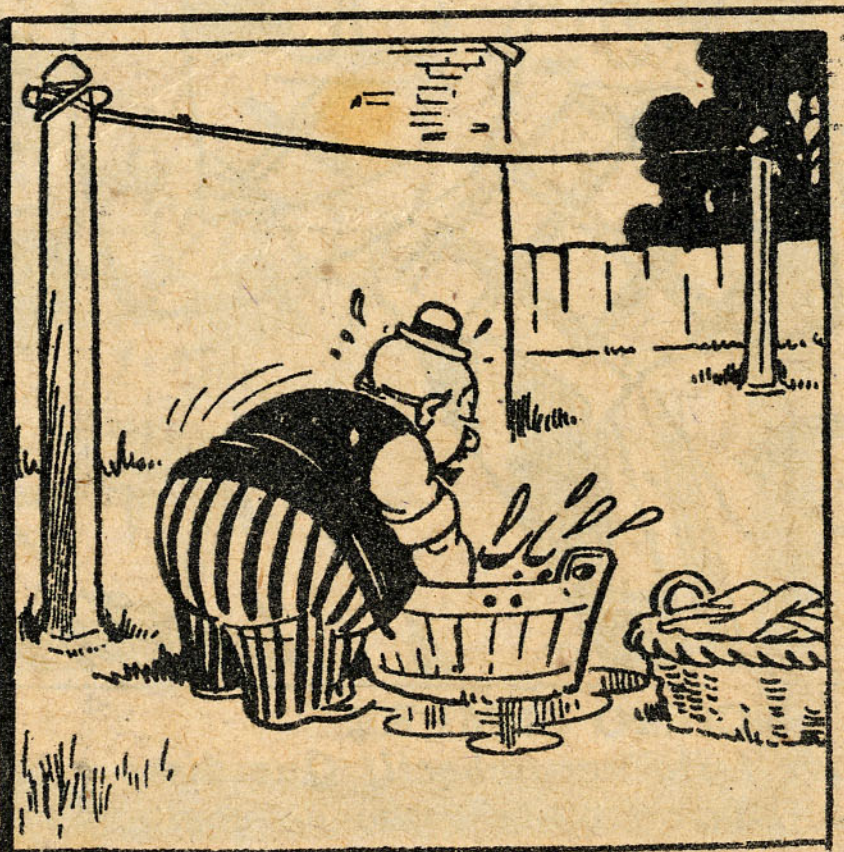
— Qual será o menu?



— E' a primeira vez que ela serve o chá!...



— Tenho 28 dias de licença. O que é que a menina me sugere?



O Último Corsário

por FERNANDO ANTÓNIO DA COSTA

TODAS as pessoas conhecem a estrada que liga Osken a Pimperille, ao sul de Filipe da Macedónia. Se, porventura, alguém a desconhece, seria bom, para melhor compreender o sentido destas linhas, fazer uma viagem até lá: De Pulover, a 12 km. daquelas povoações, o bilhete de ida e volta não atinge duas liras (ao cambio de 1904); porém, quem mora em New Jersey, Cordova, Kimberley, ou mesmo, Pataias, pequena aldeia norueguesa, o preço da viagem sai um pouco mais caro; no entanto, se atendermos que há a Sociedade de Navegação Oceânica, com sede em Leman, caixa postal 417, o transporte ficará por metade do preço, que nos custaria noutra empresa congénere.

Conforme perceitua os regulamentos desta Sociedade, o lucro líquido anual reverte para uma caixa de auxílio aos corsários inválidos, por doenças mentais. Ora, como há poucos casos deste género, o lucro tem-se acumulado de tal maneira que, quanto mais dinheiro houver, mais baratas serão as passagens. Espera-se até que no ano 1974, a Sociedade terá que pagar cerca de a17 duros (ao cambio de 192) a cada passageiro!

Os leitores pensam, certamente, que eu tenho interesse que façam a viagem nos magníficos barcos daquela Sociedade — e não se enganam! Mas, se vos disser que os vinte por cento de comissão, não chegam, muitas vezes, para pagar ás viúvas, quando algum barco vai ao fundo — talvez não acreditem! No entanto, é verdade! Como os leitores vêm, sou sincero no reclame, tão sincero que já falei uma vez, quando tive uma fábrica de laminas de barbear, porque mandei colocar em todas as paredes do mundo, o seguinte cartaz: um bebé de três anos, empunhando uma lamina enorme, dizia: «desde que uso «Boogie» nunca mais tive irritações na pele da cara».

Paara teerrra! Depois, fez mais tentativas — mas todas sem efeito. Via a mesma cena e mandava desembarcar a tripulação. Por fim, quando se espalhava a notícia que haveria um embarque, as mulheres punham, no dia anterior ao da partida, um «pick-up» com um disco gravado de gritos e chamamentos lancinantes, e penduravam uma dezena de lenços numa corda, que emprestavam ao ambiente a dolorosa paisagem dos que ficam!

Islamed, então, adia a partida uma vez a partida — voltava para casa, cabisbaixo, enquanto á sua rectaguarda os marinheiros cantavam «A Marcha dos Corsários, em Terra».

Quando chegava a Pimperille, constatava como fora idiota: as mulheres davam ao badalo, rindo estrondosamente; as raparigas, entretinham-

mamente gordo e peludo, usa uma camisola de malha, cor de zarcão, um cinto de coiro, pintado de azul marinho, e uns calções de kaqui amarelo torrado. De quando em quando, pendura, no cinto, o seu punhal recurvado, uma bela lamina de aço sueco, pertença do seu bisavô, o feroz e inclemente Ismael — O Cavalão-Marinheiro. O rosto, seria sereno se não fizera, uns anos atrás, de propósito, um golpe profundo com o punhal, porque toda a população chufava da sua cara, sem o estigma da violência, tão característica nos seus antepassados!

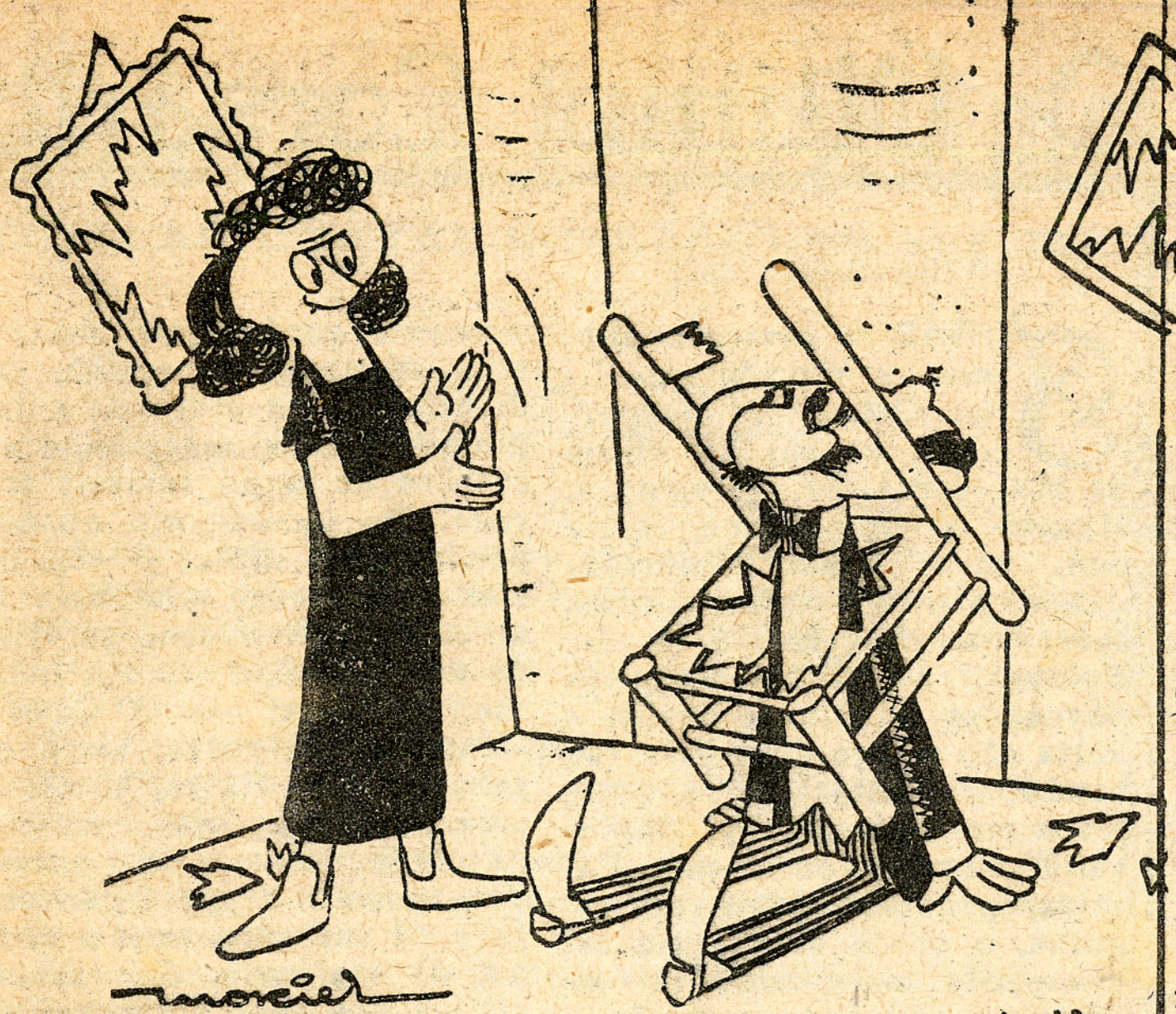
Agora, expõe a cicatriz aos olhos dos turistas e dos subordinados, com uma alegria infinita, a bailar-lhe nos olhos, cor de chá mate: — Agora, sim, tenho cara de corsário! — diz Islamed, com frequência.

Porém, ultimamente, fez-se um corsário muito mundano e progressivo, importando-se mais com as coristas e as manucures das cidades cosmopolitas, do que fazer por continuar as histórias sangrentas, celebrizadas por Salgari!

Como é o amor?

— o amor é

assim! :



O SENHOR DESCONFIADO

E

O SENHOR CONFIANTE

O senhor desconfiado, que é alto e delgado como um cipreste, leva a mão aos rins e diz:

— Doi-me aqui.

O senhor confiante, que é pequeno e gordo como um ouriço, contesta:

— A mim, também.

— Que pensa você fazer?

— Eu?... O médico que me diga.

— Eu não confio nos médicos. O médico receitará um comprimido; não duvide. Peça directamente o comprimido numa farmácia e ganhará tempo e dinheiro...

O senhor confiante deixa-se convencer sempre, porque é mais pequeno. Entram os dois numa farmácia e o senhor desconfiado, que é sempre o que leva a palma, diz:

— Os senhores têm comprimidos para a dor?

— Para que dor?

O senhor desconfiado pergunta:

— E' que, acaso existe uma dor branca e uma dor azul como os cobertores?! Ou uma dor continua e outra alterna como a corrente?

O farmacêutico, que já se encontra tonto, e como tem mais interesse em vender comprimidos que curar dores oferece uma caixita de comprimidos. O senhor desconfiado, que não está disposto a deixar-se enganar, pergunta:

— Assegura-me, você, debaixo de palavra de farmacêutico, que estes comprimidos curarão a minha dor?

— Homem!

— Olá... Olá! Desmascarei-o! Você pretendia vender-me uma caixa de comprimidos em que ganha vinte e cinco por cento. Obrigado, prefiro a minha dor.

— Eu, não — disse o senhor confiante, guardando a caixa de comprimidos depois de tomar dois.

Ao sair da farmácia, o senhor desconfiado leva as duas mãos ruins.

— Agora, doi-me mais.

O senhor confiante oferece-lhe os comprimidos. Mas, o senhor desconfiado, que está sempre dando voltas ao miolo, pensa: «Oferece-mos porque não servem; se servissem guardá-los-ia para ele».

Não os aceita; resolve visitar um médico e roga ao seu amigo que o acompanhe, para se convencer de que os médicos são como ele dizia. O médico examina-o e receita-lhe os mesmos comprimidos.

— Olá! — disse o senhor desconfiado — Se me tivesse receitado outra coisa, ter-me-ia mandado ao diabo; mas já que me receitou o mesmo não há dúvida de que o médico e o farmacêutico estão de acordo em me roubar o dinheiro.

O senhor confiante, que já se livrou da sua dor, está radiante e exclama:

— E pensar que os médicos estudam livros de 2.000 páginas, os laboratórios pagam contribuição e os farmacêuticos velam de noite para que eu possa livrar-me da dor com dois comprimidos! E' estúpido!

— Não seja ingênuo. Não vê que é tudo pura propaganda?

(CONT. PAG 9)

ELE — Que formoso é o amor, Elvirita!

ELA — E' verdade, Fernandez; que formoso é o amor! Que difícil é amar e ser amado!

ELE — E' verdade, Elvirita, que difícil é amar e ser amado!

ELA — Apesar de tudo, tu amas e és amado.

Ele — Tens razão, minha filha. Eu amo e sou amado.

ELA — E, além de amares e ser amado, és engenheiro.

ELE — E' verdade; sempre me esquece que sou engenheiro.

ELA — Mas, desgraçadamente, nunca poderemos casar.

ELE — Porquê, querida?

ELA — Porque tu és engenheiro e eu não sou engenheira; demais, porque eu sou rica e tu és pobre.

ELE — E' verdade. Esqueço-me sempre que sou pobre. Como nunca me vejo ao espelho. Mas, tu poderias dar-me metade do teu dinheiro.

ELA — Que mais poderia eu querer do que te dar metade do meu dinheiro!

ELE — E porque não me podes dar metade do teu dinheiro?

ELA — Porque não quero.

ELE — E' verdade. Sempre me esquece que não queres. Como nunca me vejo ao espelho...

ELA — Demais, metade do meu dinheiro é o meu «di», e a outra metade é o meu «nheiro». Que íamos fazer, tu com o meu «di» e eu com o meu «nheiro»?

ELE — E' verdade. Que difícil é a vida. Sim, mas tu bem sabes que eu não sou interesseiro.

ELA — Então o que és?

ELE — Já te disse que sou engenheiro. Queres que te faça uma ponte?

ELA — Sim, faz-me uma ponte.

ELE — (Faz uma ponte. Já está!

ELA — Como és habilidoso!

ELE — E' verdade; sempre

me esquece que sou habilidoso. Como nunca me vejo ao espelho... Que queres que te faça agora?

ELA — Faz-me café com leite.

ELE — Com quantos torrões?

ELA — Com quatro.

ELE — Gulosa!

ELA — Fernandez!

ELE — Que formoso é o amor, Elvirita!

ELA — Isso já tínhamos dito antes, tonto.

ELE — Na vida tudo se diz antes. Julgamos dizer algo de novo e nunca dizemos nada. Não somos mais do que bonecos de imitação.

ELA — Isso serás tu.

ELE — Sou eu, és tu e é o teu tio Frederico.

ELA — Eu não tenho nenhum tio Frederico.

ELE — Que casualidade! Eu tampouco tenho um tio Frederico. Qualquer diria que nos nusemos de acordo por não termos nenhum tio Frederico.

ELA — Serias capaz de tudo por mim?

ELE — De tudo.

ELA — Até de te matares?

ELE — Até de me matar.

ELA — Falas a sério? Darias a tua vida por mim?

ELE — Sim, dá-la-ia.

ELA — Então, dá-a.

ELE — Toma-a. Queres que embrulhe?

ELA — Não, prefiro não a querer. Que ia eu fazer com duas vidas?

ELE — Para ti seria melhor...

ELA — Insinuas, acaso...

ELE — Eu não insinuo nada. Já sabes que sou engenheiro.

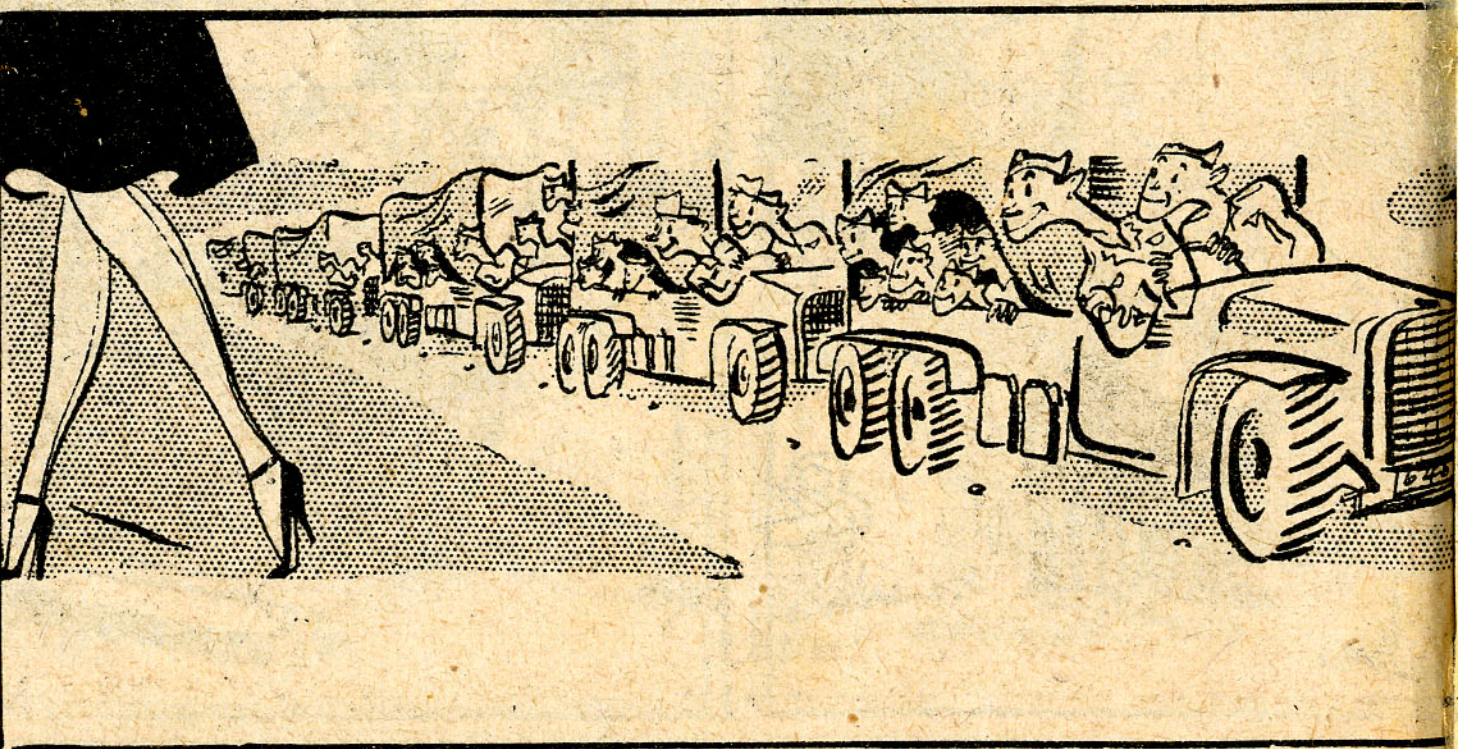
ELA — E' verdade. Tinham-me esquecido. Porque não me fazes um plano? Um plano da tua vida.

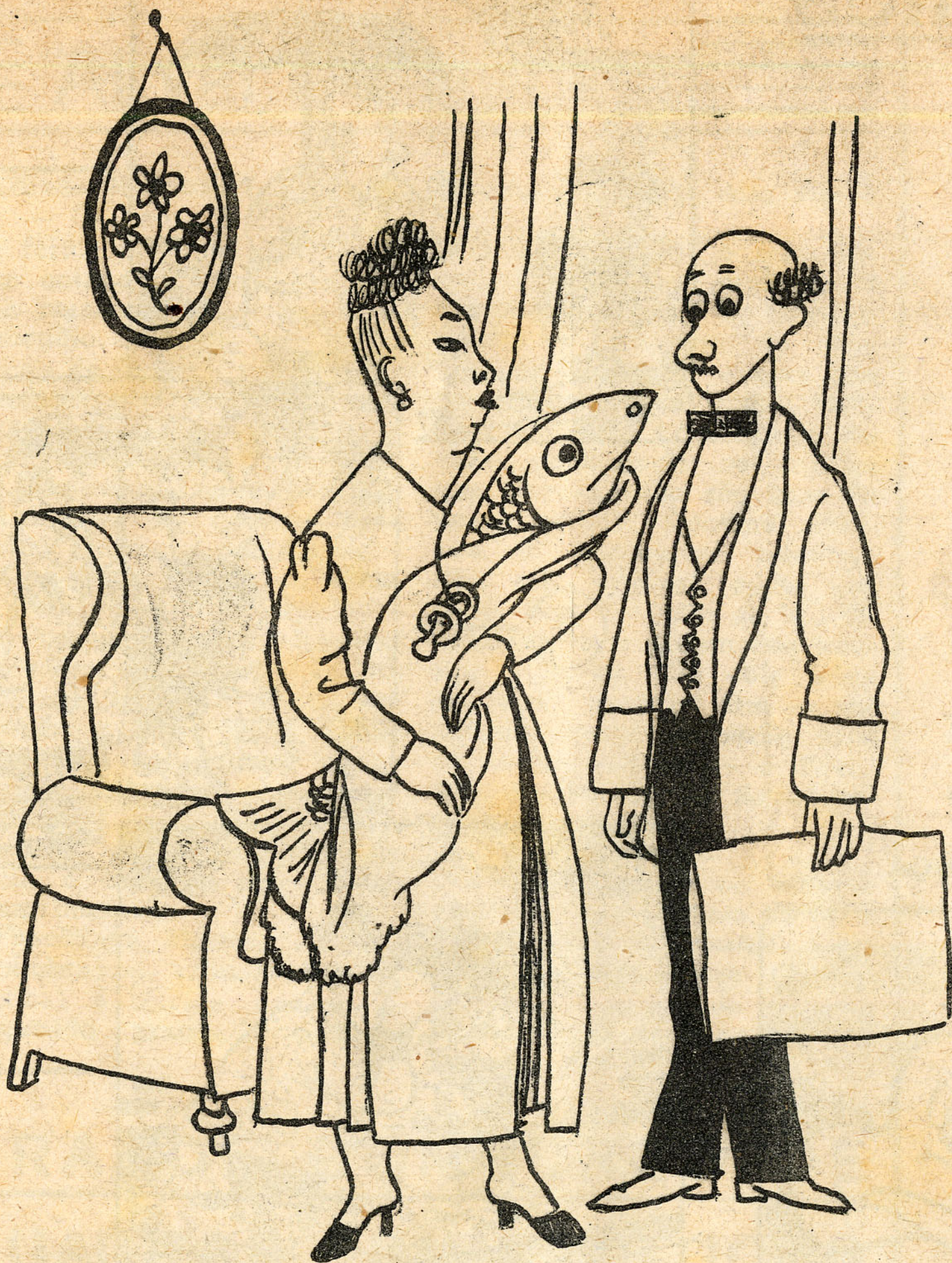
ELE — Com portas e tudo?

ELA — Não, com portas e sem tudo.

ELE — Que formoso é o amor, Elvirita!

TONO





- NÃO ACHAS QUE ESTAMOS A DAR ÓLEO FIGADO DE BACALHAU, DEMASIADO, A NOSSO FILHO?



Os viciados —
— Par ou nunes?

O ÚLTIMO

CORSÁRIO (CONT.)

-se a namorar com os corsários-principiantes, e as crianças, essas, jogava á malha e aos polícias e corsários!

Mas, um dia, aconteceu o inevitável! Na praia, estava o «pick-up» com o disco, e, como a brisa soprasse, não faltavam os lenços. Então, Islamed mandou recolher os lenços; tirou o disco e trocou-o por outro: o tango Falss Sentimentos, pela orquestra de Ben Roy.

E partiu.

Não foi longe, porém! Junto ao cabo de Hornplat, a 30 milhas do estreito de Gaze, a tripulação revoltou-se, porque Islamed, o 1.º Maquinista, como qualquer corsário moderno, tinha-se esquecido de meter mantimentos no navio!

Em certo dia, Islamed foi enforcado no mastro real! Como contra ele nada mais havia a fazer — deitaram-no pela borda fora. Depois, pediram contas ao imediato: imediato enforcado; 2.º Maquinista: enforcado; 3.º Maquinista: enforcado; contramestre: enforcado; gajeiro: suicidou-se, deixando-se cair do cesto da gávea; piloto enforcado!

Quando só ficou um grumete, este, não tendo a quem pedir contas, resolveu matar-se, mas como lhe faltou a coragem, morreu... de fome!

De longe, se alguém olhasse o barco, veria o casco, a coberta e os mastros desaparecerem lentamente, no horizonte... Com isto só provava que a terra é redonda, porque, quanto ao destino do barco, era diferente: foi encalhar nuns bancos de areia, postos ali, uns tempos atrás, por cineastas de Hollywood!...

O SENHOR DESCONFIA DO

(CONTINUAÇÃO)

— Mas a mim passou-me a dor.

— Se pensa assim nunca mais nos entenderemos. Que diria se eu me tivesse livrado da minha dor sem os comprimidos e você apesar deles, continuasse, sofrendo?

— E' que sucedeu ao contrário.

— Não me explicou como pode fundar as suas teorias nas coisas que sucedem ao contrário!... Ai!...

Era a dor. O senhor desconfiado levou as três mãos aos rins e despede-se do seu amigo para se entregar aos seus sofrimentos pessoais. Separaram-se e vai cada um para seu lado: um a rabiar e outro a passar bem. São assim.

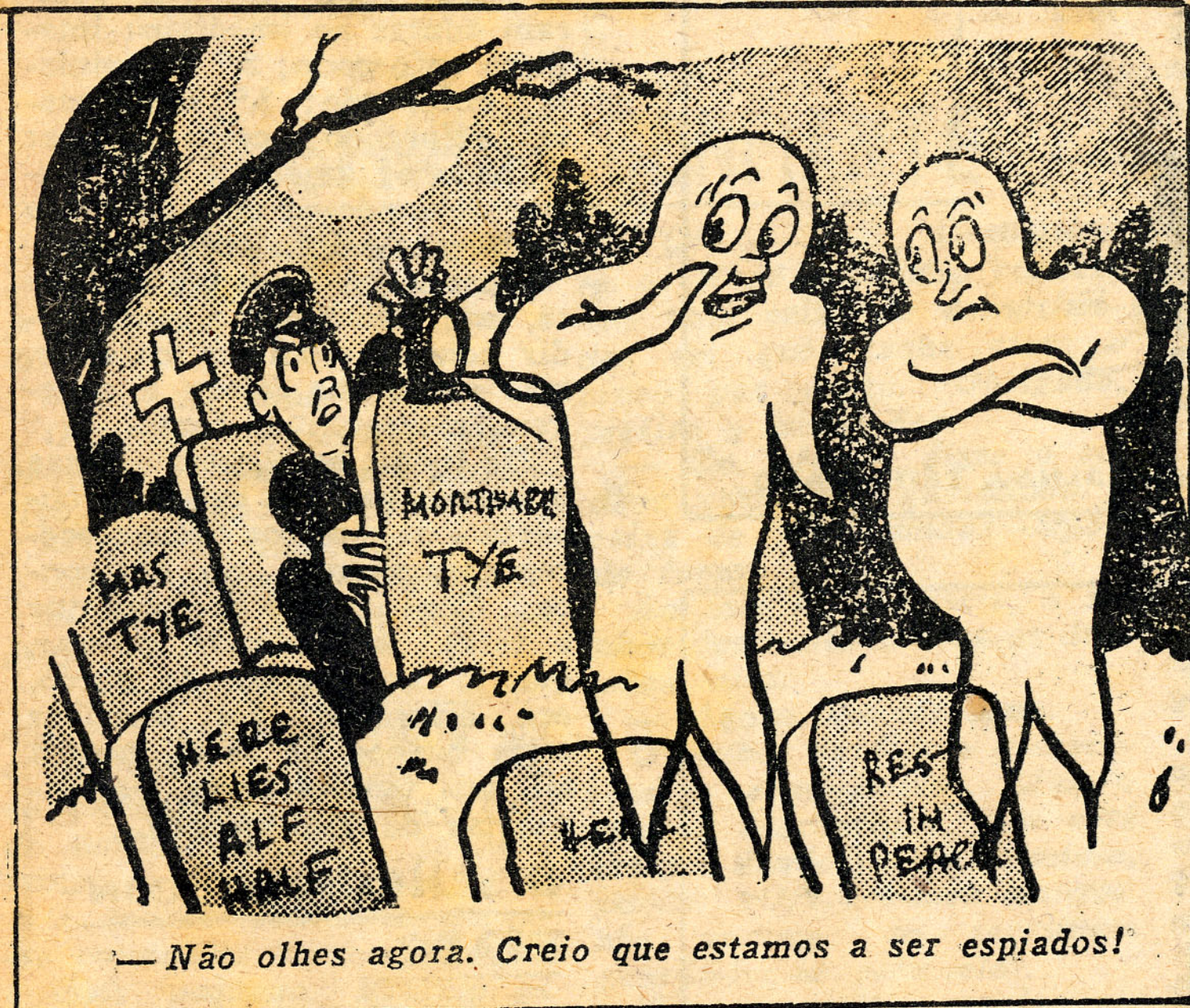
TILBURI

Fitas... e papelinhos

Entrei, tinha o cinema começado.
 O argumento da fita era chocante:
 O marido, a mulher e o amante.
 O amante á mulher do marido arrastava e asa.
 A cena apresentava um corredor,
 Que não era da «Iluminante»,
 Era um corredor duma casa.
 A cena desenrola-se calmamente
 E, desenrolando-se a fita, de-repente,
 Trrim... Trrim,
 Deram intervalo á gente.
 Exibiram-se variedades de revista.
 Pisco o olho, sentado na cadeira, a uma corista.
 O cenário é posto mais á vista,
 E digo, cá p'ra mim, que grande artista!
 Esperei-a á saída, mas já um matulão
 Me tinha empenado a vida...
 Voltei ao cinema:
 O marido matara a mulher e o amante
 E arruinara a sua vida.

 Vi que tempo e dinheiro tinha perdido,
 Mas só agora descubro
 Que fui ver um rigoroso exclusivo
 Que não se exhibe antes de Outubro.

MARIO GRAÇA



— Não olhes agora. Creio que estamos a ser espiados!

Risadinhas Mundiais

FAMÍLIA DIMINUIDA

António era um destes contínuos de repartições públicas que, de vez em quando, aparecem com uma camisa preta alegando a morte de um parente próximo, a fim de obter uns cobres dos funcionários de bom coração.

Em certa época foi António posto em observação por um funcionário meio psicólogo, que anotou a morte da sogra, de uma cunhada, de uma sobrinha orfã de pai e mãe, de um irmão, de uma tia, do pai e da mãe de António.

E quando um dia o servente apareceu de sapatos novos e de fato novo, pergunta-lhe o funcionário psicólogo:

— Como é que você anda alegando dificuldades por despesas com tantos parentes que morrem, e gasta tanto no seu vestuário?

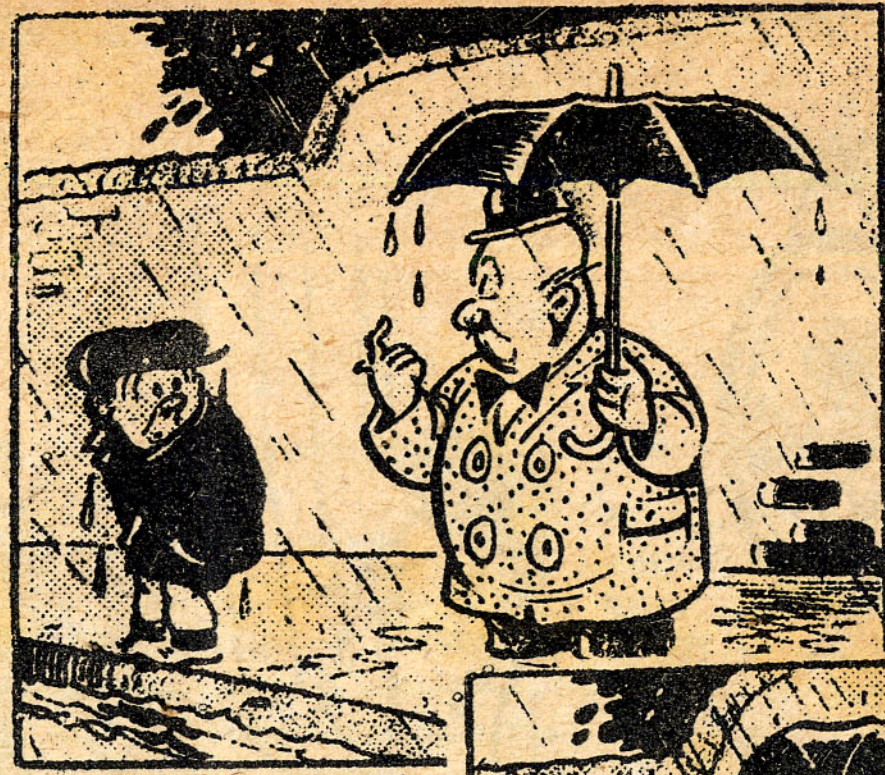
— E' que agora — respondeu o António — a família diminuiu... Estou mais folgado...

É CEDO AINDA...

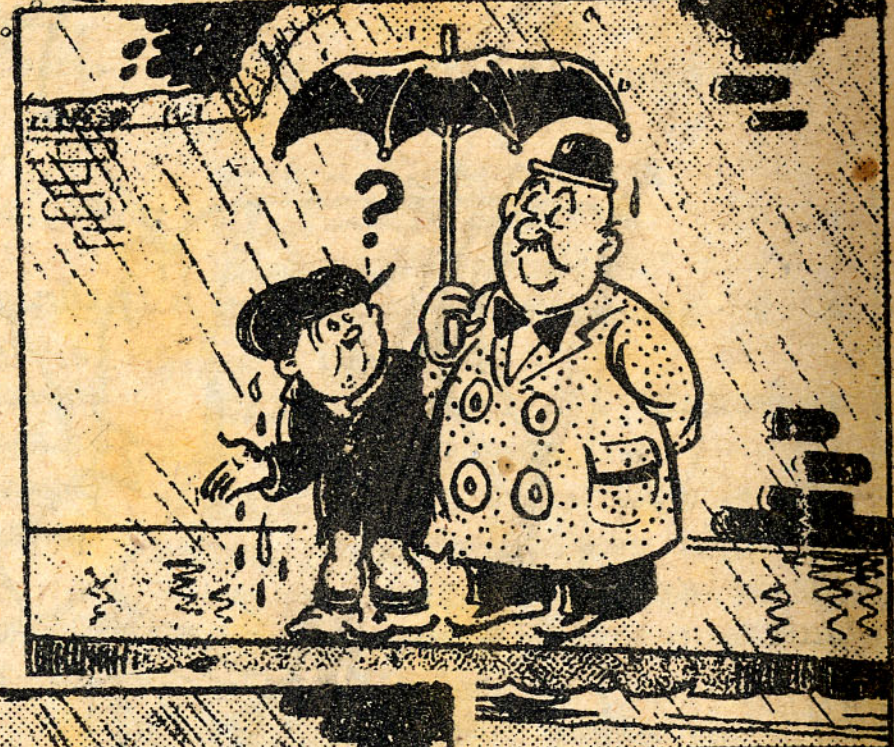
A mãe — Como, Laura, já te vais embora tão cedo?

Laura — Desculpe, mamã... estou atrasadíssima... tenho um encontro com meu marido ás duas horas.

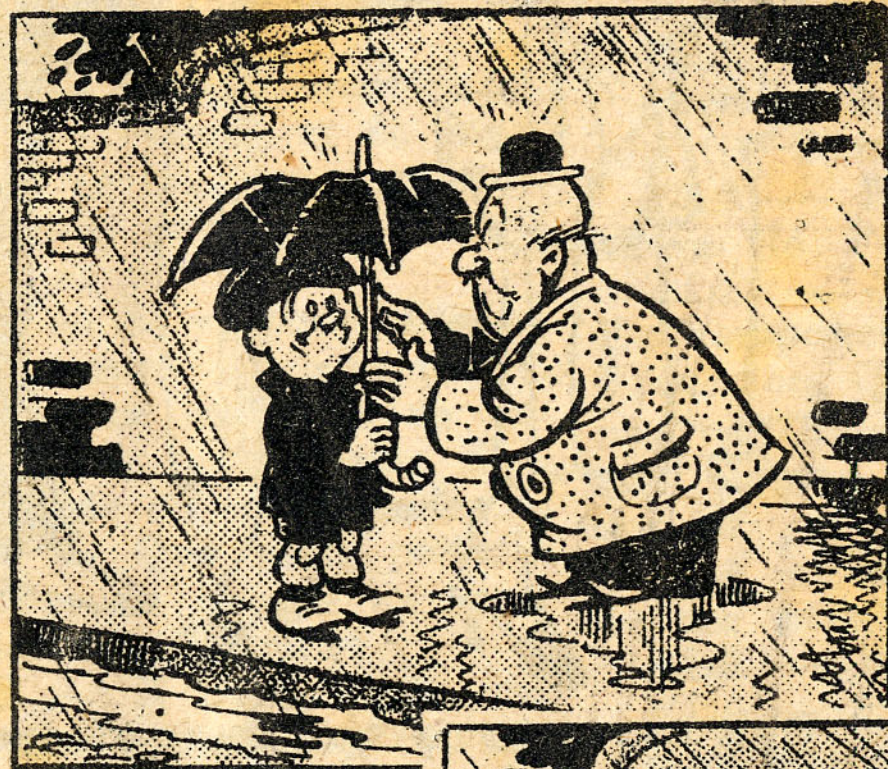
A mãe — Ora, minha filha. Ainda faltam quinze para as quatro...



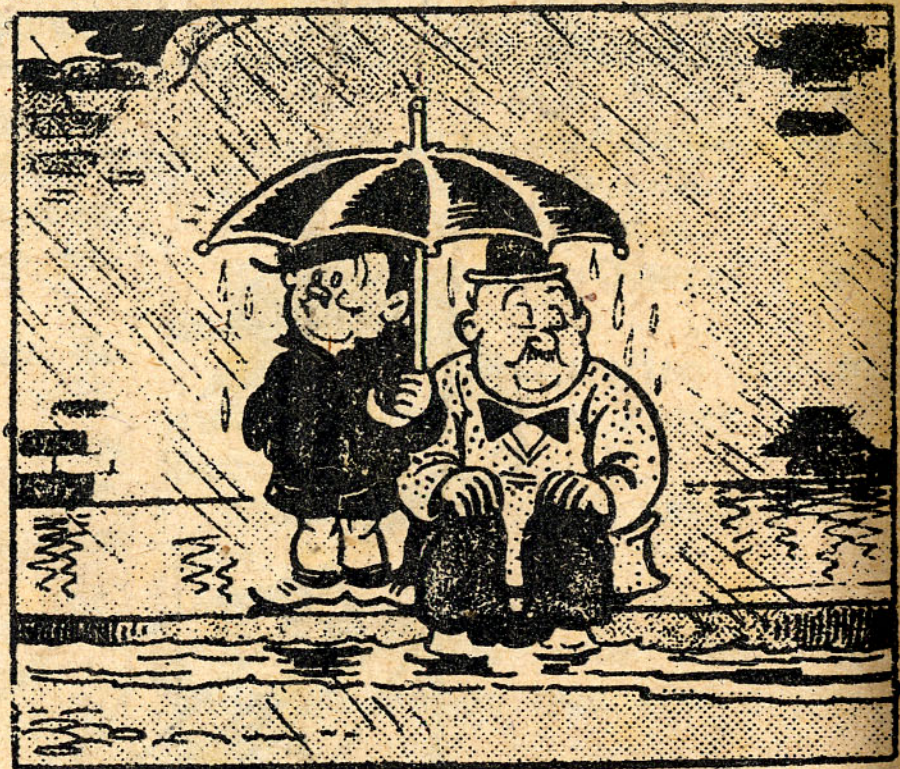
1



2



3



4



— O meu marido é uma pessoa muito prática!

Ai vai a resposta

Alfredo Machado Lobo (Porto) — Os bonequinhos podem ser feitos no papel que muito bem entender, conquanto não seja mataborrão ou papel de embrulho. Devem ser feitos a tinta de China... nacional ou estrangeira. Quanto á remuneração, mande os bonecos e depois falaremos. O. K.?

J. Henrique Lopes Simões — Recebemos as quadras. Na devida altura se publicarão.

King-Kong (Evora) — «Prova Real: — O papagaio...» tem bastante graça. Embora a anedota em que você se baseou seja mais ou menos conhecida, a coisa seria publicada. Há um «mas» muito grande. Vemos lá ver se se safa. Para bom entendedor... Continui a escrever. O seu estilo é bastante apreciável. Cumprimentos.

Filomeliano Martins Alves (Coimbra) — «Amor além da Tumba» é tétrico demais e sobretudo grande — não o

amor ou a tumba, mas sim o original.

Quanto a «E... o olho esquerdo desmaiou» eu é que ia desmaiando com o comprimento — não digo do olho nem do desmaio — mas sim do original. Este drama também pertence á categoria do «não publicável»: os termos que emprega não são bem do nosso género. Continui sempre. E' impossível remeter-lhe este original, como nos pede. Isso é contra as leis da Imprensa e a ordem dos nossos serviços. Os dois selos que envia para tal fim — para tal serviço — serão para os nossos pobres — o director, o editor e eu. Agradecemos compungidos.

Avisam-se todos os leitores que tudo que se trate de colaboração deve ser enviado para Fernando dos Santos (Santos Fernando), a fim de evitar a desordem de serviços nas diferentes secções.

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORÍSTICAS

QUADRA N.º 81

No cemitério, ao passar
Junto a mim um funeral
O morto pôs-se a gritar
Qu'ria o «RISO MUNDIAL».

QUADRA N.º 82

Oh, minha sogra, meu anjo
Meu rico favo de mel
Rapa os pêlos do bigode
P'ra eu fazer um pincel.

QUADRA N.º 83

Li o «RISO», e tanto ri,
Achei-o tão engraçado...
Que me rebentou o cinto,
E fiquei todo molhado!...

QUADRA N.º 84

Fui dar balanço a carteira
Mas estava quase «liso».
Um escudo me restava,
Com que fui comprar o «RISO».

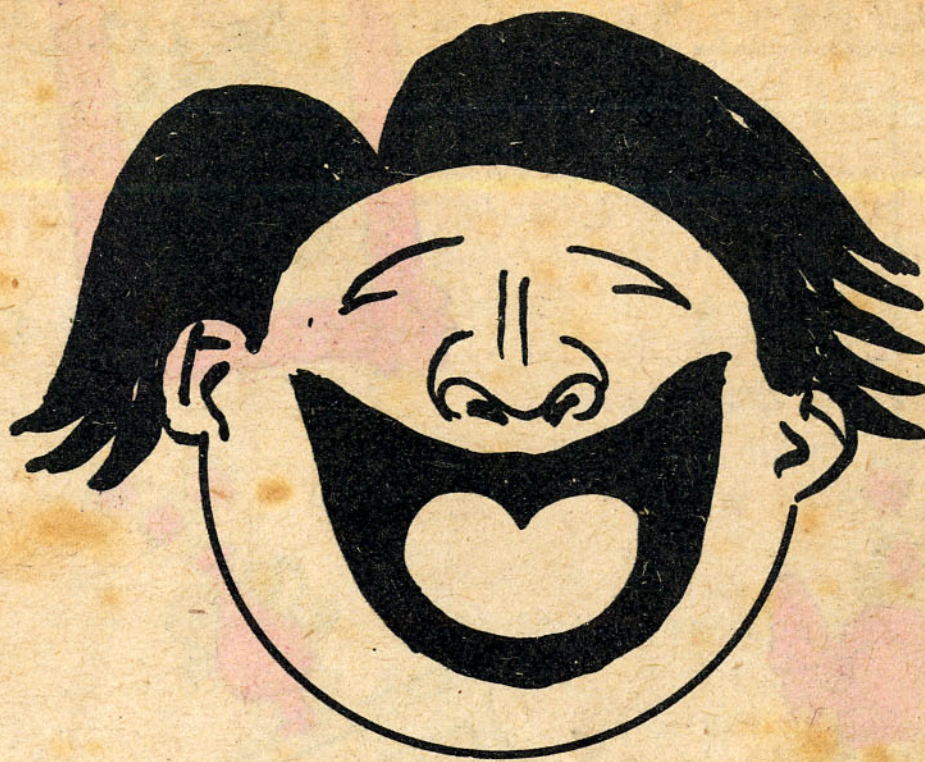
QUADRA N.º 85

Oh, minha sogra, caída
Aos trambolhões lá de cima,
Se te apanho um dia a jeito...
(Por causa dela até me esqueceu a rima!).

QUADRA N.º 86

Não me des por tantas vezes
Os teus lábios de carmim.
Não sou nenhum chupa-chupa,
P'ra tu me chupares assim!

F. A. TOJAL



MAIS UM!...

NÚMERO EXTRAORDINÁRIO DE
RISO MUNDIAL
DE 44 PÁGINAS

COMPLETAMENTE
Grátis

PARA TODOS OS SEUS ASSINANTES
ESTARÁ ESPALHADO BREVEMENTE
POR PORTUGAL INTEIRO

MAIS UM NUMERO ESGOTADO

MAIS UMA CONFIRMAÇÃO
DE QUE QUANDO

**“Riso” publica...
todo o mundo ri!**

SE AINDA NÃO FOR ASSINANTE INSCREVA-SE
ENQUANTO É TEMPO PORQUE BREVEMENTE
MUITAS E MUITAS MAIS REGALIAS SERÃO
ANUNCIADAS.

BASTARÁ UM POSTAL COM

NOME, MORADA E...

... SARAMAGO

